

A questão da angústia como forma da existência própria em Martin Heidegger

The question of anguish as a form of a proper self-existence in Martin Heidegger

Manuela Saadeh

<https://orcid.org/0000-0003-3707-1921> – E-mail: santosmanuela0@gmail.com

RESUMO

Este artigo se constitui como uma breve exegese da primeira parte da obra *Ser e Tempo*, na qual Heidegger disserta sobre as disposições fundamentais que abrem o existir (*Dasein*) enquanto *ser-no-mundo*, e que são determinadas como: angústia, medo e tédio. Enquanto disposições fundamentais, elas se distinguem das suas manifestações fáticas de superfície, como os medos e pânico (oriundos da disposição fundamental do medo), as inquietações e ansiedades (oriundas da angústia estrutural), o desinteresse e mesmo o aparente “contrário” deste último, a curiosidade devassadora (oriundos do tédio). Esses aqui são, para Heidegger, todos modos fáticos derivados das disposições fundamentais (estruturais) que podem ser assim apreciadas de forma ôntica (faticamente). Este artigo se propõe, portanto, a sucintamente elaborar uma exegese sobre esta questão na fenomenologia heideggeriana, para que possamos dar mais um passo na compreensão do que o filósofo pensa por respeito à estrutura própria do Ser-homem.

Palavras-chave: Ontologia. Fenomenologia. *Dasein*. Ser.

ABSTRACT

This article constitutes a brief exegesis of the first part of the work *Being and Time*, in which Heidegger discusses the fundamental dispositions that open existence (*Dasein*) as *being-in-the-world*, and which are determined as: anguish, fear and boredom. As fundamental dispositions,

they are distinguished from their surface factual manifestations, such as fears and panic (derived from the fundamental disposition of fear), restlessness and anxieties (derived from structural anguish), disinterest and even the apparent “opposite” of the latter, the overwhelming curiosity (derived from boredom). These here are, for Heidegger, all phatic modes derived from fundamental (structural) dispositions that can thus be appreciated ontically (phatically). This article proposes, therefore, to succinctly elaborate an exegesis on this issue in Heidegger’s phenomenology, so that maybe we can take one more step in understanding what the philosopher thinks with respect to the very structure of the Being-man.

Keywords: Ontology. Phenomenology. *Dasein*. Being.

Introdução

Para Heidegger, a disposição fundamental da angústia é o lugar da compreensão que pode sintonizar o *Dasein* a sua existência mais apropriada de si, menos perdida para o sentido estabelecido do ente no interior do Mundo de sentido no qual emerge. Desde a obra *Ser e Tempo*, podemos, num esclarecimento bem sucinto como nos permite a extensão de um artigo, indicar o que Heidegger pensa por respeito ao que ele nomeia de disposição fundamental da angústia – a qual se difere essencialmente daquilo que entendemos por medo. A disposição do medo concerne ao desconhecimento das possibilidades do ente com o qual o *Dasein* tem que lidar, seja que essa lida se constitua de uma intervenção direta sobre o ente, seja que se constitua da preservação do *Dasein*. Nas duas direções, o ente pode apresentar possibilidades nocivas dele na lida. A disposição da angústia é uma disposição ainda mais essencial que a do medo, porque concerne à condição estrutural de puro possível do Ser do *Dasein* o qual nunca está dado, consumado, subsistente, mas constantemente aí para ser (fático). Já a disposição fundamental do tédio tem, para Heidegger, sua origem no fato do *Dasein*, ao ser esta compreensão pré-ontológica, fenomenal, do seu próprio e contínuo Ser sempre aí *por ser* (o *poder-ser* [*Seinkönnen*]), isto é, de se compreender a si mesmo imediatamente como uma carga a ser portata, carregada e desdobrada. Todas essas disposições encontram seu agravamento no desdobramento fático do existir (histórico) na medida em que se reiteram mais profundamente no âmbito da impessoalidade pública da significação estabelecida do Mundo de sentido no qual já sempre somos lançados.

As disposições fáticas já são fundadas no fato de que somos já sempre dispostos pelo Mundo de sentido no qual emergimos, de tal modo que só posso ter uma indisposição disso ou daquilo faticamente porque já sou estruturalmente disposta:

A imperturbável equanimidade, assim como o tolhido descontentamento da ocupação cotidiana, o deslizar daquela a esta e vice-versa, o resvalo na indisposição, não são ontologicamente um nada, possam estes fenômenos alegados permanecer desapercibidos como o mais fugaz e indiferente *Dasein*. Que as disposições se deterioreem e possam virar [*umschlagen*], isto só significa que o *Dasein* está sempre já disposto (HEIDEGGER, 1993, p. 14).

Isto quer dizer que o *Dasein* só pode ter disposições de humor ônticas (fáticas) porque a estrutura de abertura, isto é, a compreensão, já se abre na condição de ser afinada ou desafinada: o *Dasein* sempre já se abre compreensivo na condição da afinação do seu Ser com um Mundo de significação possível o qual ele é e concerne. E como está o *Dasein* afinado com o

Mundo imediata e cotidianamente? Precisamente de modo “desafinado”, no modo da absorção no estabelecido: da compreensão impropria, impessoal e genérica do seu Ser, do Ser de outrem e do ente na lida. É a própria estrutura compreensiva enquanto disposição, no modo em que ela se dá dispondo o *Dasein* na impessoalidade do Mundo de sentido em que emerge, que se manifesta fenomenalmente no desafinamento deste ente com seu Ser próprio, com sua estrutura própria singular. E por isso Heidegger ensina que as possibilidades de abertura do conhecimento que o *Dasein* tem à mão no impessoal suportam muito pouco se colocar frente a este abrir originário das disposições, que outro não é que o abrir do Ser na angústia. Tal disposição fundamental, enquanto o fenômeno que, justamente pela fuga fática do *Dasein*, apela ao mais próprio e singular *poder-ser* livre, possibilita o resgate do seu Ser próprio frente à significação impessoal estabelecida do Mundo, ou seja: a disposição da angústia se manifesta a partir da dissonância da estrutura existencial de possível (singular) com a facticidade imediata estabelecida. Sendo assim, a angústia é a disposição fundamental que retira (fenomenalmente, isto é, não-tematicamente) o *Dasein* do mais imediato *poder-ser* impessoal dado para todos e para ninguém. E é aqui que entram todas as possibilidades tanto de liberdade do *Dasein*, quanto o contrário, ao se aferrar ainda mais no ente para tentar elidir esse “mal” que ele experimenta sempre já fenomenalmente por respeito ao seu próprio Ser imerso no discurso público do impessoal. Contudo, apesar da compreensão impessoal tentar elidir o fenômeno se aferrando ainda mais no estabelecido de sentido, Heidegger ensina que esse “mal-estar” nunca pode se apagar porquanto o *Dasein* não compreender, expressamente ou não, o seu existir como o que tem que ser constantemente assumido no seu Ser o mais próprio: o seu mais singular, inefável e indelegável *poder-ser*.

A disposição fundamental da angústia

Após o esclarecimento breve e introdutório do fenômeno pré-ontológico (não-teórico ou não-reflexivo) compreensivo da angústia, Heidegger começa a analisar a disposição fundamental da angústia enquanto isto desde o qual se ramificam todas as outras disposições fundamentais (medo, tédio). A sua elucidação nos esclarece mais pormenorizadamente acerca da estrutura da compreensão do *Dasein*. Para o filósofo o *Dasein*, enquanto um fenômeno de compreensão, é sempre já estruturalmente disposto, desde que a compreensão é estruturada pelo Mundo de sentido no qual emerge. Imediata e regularmente, o *Dasein* se desvia das disposições fundamentais (estruturais) da angústia e do medo, sendo que no medo ele se desvia do ente intramundano encontrado e na angústia ele se desvia dele mesmo enquanto Ser (*poder-ser*). Heidegger demonstra nos primeiros capítulos de *Ser e Tempo*, que essas disposições não se apresentam reflexivamente ao *Dasein* imediato porque o compreender se sustenta muito pouco reflexivamente frente a elas. A prática regular do compreender é sempre a da fuga do seu Ser enquanto puro possível, porque o *Dasein* se orienta primeiramente pelo ente intramundano compreendido implicitamente como subsistente no Mundo imediato da lida – pelo fato de, estruturalmente enquanto ocupação, já emergir absorvido no ente, o *Dasein* toma o ente subsistente que não tem a forma do seu Ser sempre como princípio para a compreensão do seu Ser próprio. Para Heidegger, a absorção do Ser do *Dasein* (enquanto *Ser-junto* ao ente intramundano encontrado e *Ser-com* com o outro *Dasein* no Mundo ocupado da lida), já manifesta de imediato, algo assim como uma fuga do *Dasein* dele mesmo enquanto este nada de subsistência; e é precisamente quando o *Dasein* está absorvido na significação impessoal, que esse caráter de fuga aparece juntamente com esta absorção do *Dasein* no impessoal. Heidegger ensina que o traço fenomenológico que evidencia o decair da compreensão enquanto fixação

no estabelecido impessoal se constitui enquanto esta fuga do *Dasein* dele mesmo (do seu Ser próprio, ao “apaziguar-se”, assegurar-se e alienar-se no discurso público), o que, para o filósofo, conduz o *Dasein* sempre mais para longe de si, isto é, para longe da sua possibilidade mais própria: o *ser-livre* deliberado para o seu próprio Ser, seu *poder-ser*.

No decair no imediato do sentido impessoal, no Mundo de sentido estabelecido e questionado, o *Dasein*, conseqüentemente, se renuncia diante dele mesmo enquanto propriedade de si – pois enquanto um fenômeno de compreensão, e conseqüentemente enquanto linguagem e significação, ele se vê sempre já apropriado pelo sentido impessoal do Mundo – e a angústia, enquanto a invocação oriunda da estrutura própria e singular que é o *Dasein*, se abre tanto mais nesta decadência. Este “diante do que” da angústia é o *Dasein* se angustiaando enquanto Ser próprio, singular, no seu lançamento no Mundo de sentido impessoal que já era aí antes de ele ser, concernente também ao encargo do *Dasein* de ter que ser continuamente – e este Ser constantemente *por-ser* se fenomenaliza no sentido. (Enquanto um fenômeno de compreensão é, portanto, neste contínuo e inevitável “ter que ser própria ou impropriamente no sentido” que estão alocados para o *Dasein* todos os problemas concernentes à propriedade, à impropriedade, à liberdade, à escravidão, à responsabilidade). E como a angústia não é nenhum ente significado intramundano, ela não pode ter com o ente nenhuma conformidade essencial, isto é, nenhum ente entra em conformação com a angústia angustiaando-se no lançamento do *Dasein* no Mundo (o ente só entra em conformação com a disposição do medo).

Na disposição da angústia, a totalidade de conformidade das significações interiores a um Mundo de sentido histórico-circunscrito, o todo da significatividade, se mostra finalmente sem interesse: nada do que algo possa significar ou ser importa. O *Dasein* enquanto um fenômeno natural de compreensão é, para Heidegger, sempre somente significação, linguagem, isto é, sempre somente possível, ele é inteiramente *no* e *enquanto* sentido. E o fenômeno da angústia mostra exatamente isso: porque o *Dasein* se toma seu Ser de imediato e irreflexivamente, ou seja, pré-ontologicamente pelo ente pensado enquanto uma concretude subsistente, ele tem que se angustiar frente a sua própria estrutura de possível sempre já experimentada pré-ontológica e fenomenalmente, frente ao que constitui seu Ser: o sentido, que é o âmbito do possível no qual ele pode somente ser e se mover – precisamente o *nada* (de coisa alguma) do seu Ser e, portanto, do Mundo de significação histórico-circunscrita enquanto um caráter deste Ser. A angústia enquanto fenômeno oriundo do ente que é pura abertura (compreensão) e curso de abertura se fazendo, lida com o *poder-ser* próprio no sentido e, portanto, o ente da lida pensado sempre implicitamente como um subsistente não pode ser questão para a angústia. Deste modo, o ameaçador da angústia não está ente algum (como acontece com o medo) e também não está em lugar nenhum; o *Dasein* angustiaando-se fenomenal e originariamente, isto é, não-tematicamente, não sabe o que é *isto diante-do-qual* ele se angustia exatamente porque na compreensão imediata e regular, impessoal, ele foge e não se confronta com isto do qual ele desvia.

De fato, o que está em tudo e não está em lugar nenhum é precisamente o *poder-ser-no-mundo*. Heidegger esclarece com isto que este “diante do que” da angústia é, portanto, o próprio Mundo de sentido (enquanto um caráter do Ser do *Dasein*), pensado na perspectiva do puro Ser compreensivo. O angustiar-se é, por conseguinte, o que abre fenomenalmente, ou seja, não expressamente, a estrutura do Mundo enquanto Mundo – ele é o fenômeno que traz o *Dasein* a sua estrutura ela mesma e, portanto, é a disposição que possibilita o singularizar-se do *Dasein* no seu próprio Ser (para “fora” do impessoal). Na angústia, o Mundo impessoal, sempre pensado como uma concretude subsistente, deixa de oferecer significação, porque na medida em que o *Dasein* ouve à angústia singularizando-se (não *de mas*) em um Mundo impes-

soal, o ente pensado nestes termos deixa de ter sentido e o Mundo que não é ente algum se abre exatamente na sua importância:

O *diante-do-quê* da angústia se torna o nada e o “em nenhuma parte”. A insubordinação do nada intramundano e do “em nenhuma parte” não significa uma ausência do Mundo, significa antes, que o ente intramundano está nele mesmo tão inteiramente destituído de interesse que, sobre o fundamento desta *insignificância* do intramundano, o Mundo unicamente ainda se impõe na sua mundanidade (HEIDEGGER, 1993, p. 187).

Contudo, foi visto que este abrir do Mundo na angústia, Heidegger o esclarece, não significa que o *Dasein* consiga trazer esse abrimento fenomenal da angústia à condição de conceito: o *Dasein* não pensa este fenômeno, apenas só reage a ele fugindo dele, “virando-se de costas” para o *por-motivo-do-qual* da angústia, que é o seu próprio (ter que) *ser-no-mundo*, tendo continuamente este seu Ser existencial, possível, por ser fático.

A angústia é, nestes termos, a possibilidade da singularização do *Dasein*: ela pode retirá-lo, fenomenalmente, da compreensividade pública, mas também, ao mesmo tempo, por conta da fuga de volta para esta compreensividade pública, a angústia pode retirá-lo da possibilidade de se compreender dentro desta sua decadência impessoal¹. Há nesta verificação, uma ambiguidade: a angústia, por um lado interdita o *Dasein* à compreensão do seu Ser a partir da explanabilidade pública, porque essa compreensão, por momentos, não o satisfaz e, por outro, ela, imediata e regularmente, ao partir da sua derivação enquanto um “incômodo” fático, “impede” o *Dasein* (que se põe em fuga) de se ver determinado por esta explanabilidade pública. Heidegger ensina que enquanto singularizado no fenômeno da angústia, o *Dasein*, somente através da ocorrência fenomenal da estrutura sem a tentativa de compreendê-la *de algum modo*, isto é, de “enfrentá-la” sustentando-se nela, não pode se voltar para o *por-motivo-do-qual* dele próprio, ficando assim num impasse. É somente obediente à disposição fundamental da angústia, na escuta desta, que pode ocorrer de a compreensão da publicidade não orientar mais, o que pode lançar o *Dasein* para o seu *poder-ser* o mais próprio – podendo assim “sintonizar” a facticidade com sua própria estrutura existencial.

A angústia, enquanto fenômeno da estrutura singular *Dasein* é, portanto, o que pode colocar a compreensão em um estado da mais alta aporia – aporia esta, estritamente necessária ao *poder-ser* porque manifesta para o *Dasein* a possibilidade dele se retirar da publicidade, da sua “casa” cotidiana, para a estrangeiridade do *ser-no-mundo* que ele é estruturalmente, na medida em que, através do fenômeno da angústia, a compreensão genérica do seu Ser e do Mundo deixa de orientar ou de satisfazer. A angústia traz *fenomenalmente* (não expressamente) o *Dasein* diante dessa aporia e para a possibilidade do seu *ser-livre-para*; é, portanto, na medida em que a projeção se projeta a partir da sustentação na angústia, que se dá ao *Dasein* a possibilidade própria para uma liberdade.

E como a angústia não é produto de uma apreensão ou reflexão teórica, não poucas vezes o *Dasein*, sem refleti-la, toma-a como um incômodo, pensando que a publicidade impessoal, porque já sempre reiterada, assegurada, é sua “casa”, fugindo ao refletir sobre tal “sentimento”, ao tentar resgatar a intimidade e o conforto do seu Mundo público. A angústia então faz com que o *Dasein* se sinta estrangeiro por vezes, o acometendo dentro do que ele pensa ser a morada própria do seu Ser (o âmbito do impessoal). O *Dasein* se desdobra assim, quase que ininterruptamente, em uma “decadente renúncia oculta à perda de ambiência” (HEIDEGGER,

¹ Lembrando que o decair do *Dasein*, porque é fenômeno de compreensão, corresponde sempre somente a um decair do sentido, isto é, de Mundo.

1993. p. 189). Contudo, a sua ambiência própria é o “em casa” do seu Ser, que se configura enquanto a estrangeiridade ela mesma, concernente ao nada de ente próprio. Mas a forma como a qual o *Dasein* se depara com essa perda de ambiência no impessoal provocada por sua estrutura existencial através do fenômeno da angústia, é na forma da decadente renúncia oculta a esta perda. Esta renúncia oculta manifesta a perda da capacidade do *Dasein* de poder se desdobrar compreensivamente, de uma forma ou de outra, dentro da sua própria estrutura. Sendo assim, é o *ser-no-mundo* apaziguado no impessoal que é, ao contrário, a estrangeiridade fundamental posta pela angústia, e não o Ser próprio dele que seria tal estrangeiro; o que quer dizer que não é a estrangeiridade da angústia que se funda no impessoal, mas o impessoal que tem suas gêneses (enquanto fuga) na angústia estrutural. A “casa” do *Dasein* é, em verdade, o seu *Ser-com* e *Ser-junto* próprio, a cada vez, enquanto as suas possibilidades as mais próprias. Mas quando a estrangeiridade “da casa” posta pelo seu Ser próprio é “solapada” pelo ente intramundano no modo da compreensão genérica impessoal, as possibilidades de confronto com o próprio Ser se fecham sempre de novo. É preciso, portanto, compreender, isto é, *experimentalmente* o fenômeno, deixar ele ser. Ele dá indícios essenciais que não se sustentam porque não se os compreende, o que logo se transforma em ocupação imprópria.

A determinação do *Dasein* como *poder-ser* já o determina de partida, enquanto um *poder-ser* angustiado, incerto, e isto de forma tácita e imperiosa. A angústia estrutural é a incerteza decorrente da possibilidade constitutiva do Ser do *Dasein*, o que quer dizer que a angústia, originariamente, não se confunde com os sentimentos ônticos de angústia ou ansiedade (estes são oriundos dela). A angústia estrutural não tem nada ainda de uma tristeza, melancolia ou ansiedade; ela se fenomenaliza na tácita (e incompreendida tematicamente) certeza absoluta da incerteza e na compreensão pré-ontológica mais determinante porque a mais certa: a compreensão da possibilidade da impossibilidade (finitude). A angústia é assim, fenômeno do possível estrutural correspondente ao *poder-ser* projetivo, que nunca está dado. O *Dasein*, imediata e regularmente, compreende a angústia como um sentimento ôntico de inquietude e ansiedade, mas este não responde pela angústia estrutural porque a angústia não atormenta o *Dasein* como tais sentimentos – ela só o atormenta na medida em que ele não suporta sua própria condição estrutural de inefável, do Ser. Aqui ela se dissimula em angústia ôntica, nesse sentido da inquietação e do desentendimento com o real, mas ambos são fenômenos derivados, fundados no fenômeno estrutural. Não teria como o *Dasein*, sendo possibilidade pura, não ser no âmago do seu Ser angustiado, porque permanentemente ele está sob a determinação de um “desafio” do próprio Ser, uma vez que um ente sob total determinação do possível, do constante *por-ser*, só pode ser sempre um ente desafiado ele mesmo a ser². Uma das “provas” desta estrutura é um fenômeno decorrente da tácita e sempre implícita tentativa histórica (me-

² Todavia, devemos refletir que um tal “desafio” porque estrutural, não pode ser nada de “negativo” – ele é tão somente a maior positividade da estrutura do *Dasein*, porque corresponde ao fato concreto do seu Ser possível, corresponde ao seu contínuo *Ser-no-sentido-por-ser*. Nietzsche interpretou a angústia estrutural como a “ferida da existência” e acusou o Cristianismo de ter tentado fechar tal ferida que, para o filósofo, não se fecha. Mas a angústia não é pensada aqui como a “ferida da existência”, e sim como a determinação inelidível da constituição do Ser do *Dasein*, a cada vez, enquanto abertura projetiva. Ela é a forma existencial da compreensão do Ser, dessa própria abertura. Quando se fala em “ferida”, já se projetou um ressentimento sobre a estrutura. Um tal sentido de “ferida”, pelo contrário, pode sim se manifestar propriamente desde a não adesão, não sustentação, não aceitação e, portanto, fuga da angústia estrutural que angustia-se no possível do *poder-ser* [*Seinkönnen*] e do Mundo. A ferida aqui seria positiva, (no sentido da tentativa de suprimir a angústia) a qual se manifestaria então nos modos do se alienar e se apaziguar constantemente no “seguro” da subsistência percebida na compreensão pelo sentido público impessoal do ente. Mas toda a questão é que o *Dasein* não pode suprimir o aberto sempre por ser que constitui seu Ser próprio enquanto *Dasein*, pois suprimindo este aberto, ele simplesmente não pode ser. A “ferida”, talvez poderia se dizer então que se fenomenaliza quando há a tentativa de aterrar o Ser do *Dasein* enquanto *ser-no-mundo*, enquanto um Ser ao seu encargo para ser no aberto e no incerto como o *ser-no-sentido projetivo angustiado*, assegurando-o, encerrando-o e fechando-o constantemente em uma subsistência.

tafísica) do pensamento, de se assegurar em um conhecimento universal (ôntico) ou em uma subsistência que encerre de uma vez por todas esta angústia estrutural angustiando-se fenomenalmente no possível do Mundo; mas o inefável da possibilidade se manifesta justamente nestas tentativas. O contínuo (e existenciário) projetar-se angustiado silencioso sobre as próprias possibilidades desde o existencial *Ser-para-a-morte* [*der vorlaufenden Entschlossenheit*], isto é, o fenomenal projetar-se na condição do Ser enquanto antecipador das próprias possibilidades sempre à frente (inclusive o *précursor* tácito da última possibilidade, a mais própria), o *si-antecipado*, enquanto a compreensiva (de algum modo, tematizada) sustentação fática desta estrutura de possível e consequente recusa da subsistência, é o que, para Heidegger, concerne à propriedade do Ser do *Dasein*. A cura [*Sorge*] é a condição de possibilidade porque é a estrutura que, querendo ou não, através da angústia e do apelo da consciência (ouvido ou não), mantém fenomenalmente aberto para o *Dasein* este seu *si-antecipado* sempre por ser, esta sua absoluta ausência de subsistência pronta, dada. A estrutura da cura é a condição de possibilidade dessa estrutura de possível ser assumido faticamente (compreensivamente) pela via da angústia, a qual mostra precisamente ao *Dasein* que a ideia da subsistência, enquanto um dado concluído e pronto a ser reiterado, é a ideia que tacitamente tenta suprimir a “falta” existencial deste *si* possível sempre por ser faticamente.

Também, a determinação do *Dasein* pela possibilidade o mantém, através da disposição da angústia, em uma distância insuperável de todo ente nos limites da sua significação. De fato, a angústia é o anúncio e o apelo tácito do existir (desde o “apelo da consciência”) por respeito ao seu próprio Ser possível – e é nestes termos que ela mantém o *Dasein* em uma distância insuperável frente ao ente. E por isso o homem de Heidegger é um Ser da distância:

O homem é um Ser da distância! E somente por meio da distância real primordial é que o homem, na sua transcendência, reporta-se para todo o ente, e que a proximidade verdadeira com as coisas começa a crescer nele. Só a capacidade de ouvir na distância convoca o despertar da resposta naqueles que precisam estar próximos (HEIDEGGER, 1982, p. 220).

Porque nenhuma “concretude ôntica” basta para suprir esta distância abismal entre o sentido e o “sem sentido”, o *Dasein* sempre inevitavelmente mantém fenomenalmente (não-tematicamente) distante este seu *Ser-possível*, o qual não se funde a ente algum. Embora o *Dasein* seja ele mesmo constituído pelo *Ser-junto* e pelo *Ser-com*, isto é, pelo Mundo, este seu Ser não-subsistente impede estruturalmente qualquer pretensão de acoplamento ao ente ou de dissolução do encargo da existência na subsistência. A angústia vai sempre manter fenomenalmente distante da estrutura tanto o ente que não tem a forma do Ser do *Dasein* (o *à-mão* e o subsistente) quanto o outro *Dasein* (enquanto *outra* estrutura de possibilidade); embora o *Dasein* só exista tendo que se orientar pelo ente nos três modos nomeados.

A angústia é a invocação da cura, é fenômeno oriundo do integral *ser-no-sentido* e do Mundo enquanto um caráter do Ser do *Dasein*. A seguir, pensaremos a angústia no plano da estrutura da cura, para ver como é que este *ser-no-mundo* é sempre o *ser-no-mundo* ocupado enquanto o primordial Ser *si-antecipado*, posto que a angústia se manifesta na tácita, fenomenal e pré-ontológica compreensão do Ser nunca dado, assegurado, mas sempre à frente (por ser) do *Dasein*. O fundamento mais elementar da angústia é precisamente a ausência deste *si*. E o *Dasein* não se volta compreensivo para este *por-motivo-do-qual* da angústia porque ele, de certa forma, expressamente ou não, teme encontrar somente um “vazio”, uma vez que vai sempre encontrar este seu “eu” (isto é, as verdades e orientações que lhe constituem) enquanto o singular *nada* de ente, nada de subsistência, nada de concretude, concernente ao Mundo no

qual o *Dasein* é a pura reiteração de um sentido histórico-circunscrito – isto que o configura como um ente que necessita, permanentemente, de orientação para *poder-ser*.

A estrutura da cura [*Sorge*]

Após o abrimento prévio desta estrutura existencial a partir do fenômeno da angústia, Heidegger pôde finalmente transcender o fenômeno *ser-no-mundo* para pensar mais profundamente o lugar próprio onde a angústia se enraíza, a estrutura mais elementar determinante do *poder-ser* do *Dasein*: a cura [*Sorge*]. A pergunta que pretendia saber se é possível apreender a totalidade estrutural do Ser do *Dasein* pela via da angústia, foi respondida positivamente: “o conjunto do fenômeno da angústia manifesta, portanto, o *Dasein* enquanto o fático *ser-no-mundo* existente” (HEIDEGGER, 1993. p. 191). Na verificação tácita fenomenal (não teórica), do existencial *si-antecipado* [*sich-vorweg*], a projeção enquanto a própria estrutura do Ser deste ente, o *Dasein* está lançado tendo seu existir para ser, entregue a ele mesmo para realizar. É essa compreensão fenomenal e pré-ontológica de que o existir está entregue a sua própria possibilidade para ser, que Heidegger pôde sintetizar neste esquema: o *si-antecipado*. O *si* tem aqui o sentido de completude, do “é” subsistente, de perfeição, de configuração determinada, fixada, concluída, consumada; precisamente o que nunca se dá para o *Dasein* e, portanto, o que é o continuamente buscado. A projeção existencial enquanto a estrutura da compreensão do Ser, configura o *si* sempre à frente, adiantado, sempre aí por ser; este é o ponto de partida do fenômeno da angústia e o ponto de chegada dela, na morte.

O *em-face-do-que* da angústia é o *poder-ser-no-mundo*; isto é, a angústia se angustia pelo *ser-no-mundo* enquanto *poder-ser*. Todo o conjunto do fenômeno da angústia manifesta, nestes termos, o *Dasein* no plano estrutural da existencialidade do *ser-no-mundo*, sendo que: “os caracteres ontológicos fundamentais desse ente são a sua: existencialidade, a facticidade e o *ser-cadente*” (HEIDEGGER, 1993. p. 191). Em suma, os três momentos da estrutura da cura são: a existencialidade, a qual prefigura a constituição formal-ontológica imediata concernente à projeção, a abertura; a facticidade que concerne ao lançamento, onde sempre se projeta o *Dasein*, o aberto do Mundo; e o *Ser-cadente* do *Dasein* enquanto lida ocupada, propriamente o modo dessa facticidade se apresentar, a determinação dessa facticidade, deste “já lançado”, a queda. Esses três momentos são distintos, mas não podem ser pensados de modo estanque, isolados, como partes subsistentes que entram ou não em uma conexão: um momento só se manifesta articulado no outro. É na unidade dessas determinações, que o Ser (ontológico) do *Dasein* de todo se torna perceptível.

A sentença de Heidegger: “O *Dasein* é um ente que marcha para ele mesmo”, inaugura para o pensamento todo o processo de articulação existencial deste ente, o que ainda é uma constatação ontológica da forma fática dele ser em consequência do seu *si-antecipado* – a marcha é a consequência do *si-antecipado*, uma vez que o *Dasein* só tem a possibilidade de marchar para seu próprio Ser porque, enquanto *poder-ser*, ele não tem este seu Ser efetivado, subsistente. Podemos concluir então que o primeiro momento da estrutura *Dasein* é precisamente o “não ter o *si*”: o *Dasein* é “em-si” sem o “si”, ele é, enquanto totalidade estrutural, a “não completude” da subsistência, o “não ser subsistente”, a pura abertura, a pura marcha enquanto fenômeno de projeção compreensiva. Heidegger esclarece que este *marchar para* se configura enquanto o projetar-se para uma compreensão sempre já aí pressuposta em uma totalidade de conformidade, em vista de um *poder-ser* em lida. Este aqui, enquanto aquilo *por-motivo-do-qual* o *Dasein* é tal como ele é, é sempre já lançado, e o é porque a projeção se projeta para a

reiteração do que já está aberto enquanto possibilidade e sentido, ou seja, para a pura necessidade ontológica do *poder-ser*. E a angústia é a disposição que funda para o *Dasein* a compreensão tácita de que há um *poder-ser* ao invés de uma subsistência dada; se assim não o fosse, o *Dasein* não poderia ter fenomenalmente o problema de algo outro que a sua imersão no ente intramundano e na publicidade impessoal. Mas o *poder-ser* na publicidade do impessoal é sempre também fundamentalmente marcha para o próprio *poder-ser*, neste caso, impessoal. Acontece que por conta do fenômeno da angústia, se realça um problema neste *poder-ser* impessoal. A possibilidade de ser para o mais próprio *poder-ser* significa que o *Dasein* é estruturalmente seu próprio-singular *poder-ser* sempre já (estruturalmente, não faticamente) antecipado. O *Dasein* está sempre já à frente de si mesmo enquanto projetivo, ao mesmo tempo em que está atrás de suas possibilidades enquanto lançado, o que gera essa condição “circular” intransponível de possível. O *Dasein* marcha para porque se manifesta essencialmente enquanto o originário e livre *nada de fundamento* (cf. HEIDEGGER, 1979, p. 140-148), enquanto ele mesmo o “(a-)fundamento” fundador concernente a sua estrutura de compreensão do Ser própria a cada vez. Esta nada (de ente), enquanto o “fundamento” do Ser, “se revela na angústia” (HEIDEGGER, 1973, p. 57).

O sustentar-se na angústia se angustiando frente à determinação impessoal, significa se projetar para a possibilidade mais própria enquanto *poder-ser-no-Mundo*, a qual, por sua vez, só pode ser compreendida se o *Dasein* já existe fenomenalmente sob a disposição da angústia e, portanto, sob a determinação estrutural possível de um *querer-ter-consciência* [*Gewissen-haben-wollen*], oriundo da possibilidade da sua abertura própria (cf. HEIDEGGER, 1993, §60). Se o *Dasein* singular não se desdobra compreensivo (fático) de uma forma ou de outra aí, não pode compreender este seu *poder-ser* estrutural a cada vez aberto a ele: o *poder-ser* o mais próprio. E precisamente por isso, não há para esta filosofia compreensão sem ser (experiência fática). Isto quer dizer que se o *Dasein* não estiver *sendo* sua própria compreensão, não há a possibilidade desta mesma compreensão ser própria, pois o *Dasein* enquanto um fenômeno de compreensão, só pode ser (faticamente) o que compreende. E é por isso que o *Dasein*, determinado pelo impessoal, pode estudar anos a fio um mesmo autor e não compreendê-lo propriamente, uma vez que o que possibilita a compreensão das nuances fundamentais de um pensamento é poder estar *sendo* em tal compreensão – o que não significa que o *Dasein* deva se mover de modo “prático” ao invés de “teórico”:

A cura, enquanto cuidado ocupado, abarca o Ser do *Dasein* tão originária e integralmente, que é necessário pressupô-la continuamente enquanto um todo na distinção do procedimento teórico e prático, sem que se possa construí-lo com estas faculdades e com a ajuda de uma dialética necessariamente sem base por infundada existencialmente (HEIDEGGER, 1993, p. 300).

Sem a compreensão ontológica propriamente verificada e experimentada na facticidade, o *Dasein* pode então repetir o que “apreendeu” e armazenar uma imensidade de conceitos compilando-os na memória; mas, no momento em que o *Dasein* em lida tiver que manifestar espontaneamente tal compreensão no seu imediato afazer, a compreensão impropriamente teórica do seu Ser (sempre já perdido para o impessoal) não a tem e não pode tê-la à mão. Isto porque tais nuances próprias a um pensamento aparecem tão somente a partir de um *situamento* (fático) do encontrar-se compreensivo, e não meramente através da pura “teoria” memorizada. O fato da compreensão do *Dasein* poder estar fora deste seu ser fático, fora das suas projeções *existenciárias*, não carrega para o imediato da lida a compreensão que ele se propôs a ter – tal desapropriamento do sentido (a não atinência ao fenômeno) se dá porque,

para a compreensão impessoal, os conceitos não aparecem experimentados: o que aparece é tão somente a repetição da razão articulada. E, precisamente, não é possível a compreensão a cada vez na lida, a cada projeção, se manifestar através da lógica racional (que se quer aplicável, igualando todo variável), pois enquanto um pensamento subsistente que se quer fixado, tal lógica não tem conexão essencial com o momento; o momento, a lida, não concerne ao seu Ser. Pode-se assim formalizar e repetir o próprio no discurso mas, contudo, pode-se verificar na ação (onde efetivamente se mostra a compreensão) a falta deste próprio, posto que o *Dasein* só pode ser de fio a pavio (isto é, de fato) a sua própria compreensão. Isto, já ensinava Parmênides, “ser e pensar são o mesmo”. Por isso Heidegger frisa sempre mais que o *Dasein* deve poder não só compreender formalmente, mas, porque a sua estrutura é a de um possível fático, ele deve poder estar faticamente na determinação própria do seu existir desde o existenciário “querer ter consciência” desde o apelo da consciência disposto na angústia, para que haja a possibilidade real de compreensão da estrutura. Isto porque é sempre o *poder-ser* fático que deixa o abrimento compreensivo se mostrar. É então, somente na facticidade, na lida, não fora dela, que a compreensão, enquanto

[...] a abertura *própria*, modifica com a mesma originalidade o “descobrimento” do Mundo fundado nela e a abertura do coexistir dos outros. Não é que o “conteúdo” do “Mundo” *à-mão* se torne outro, nem que o círculo da coexistência seja trocado, mas o compreensivo ser-por-respeito ao *à-mão* ocupando-se dele e o “coexistir assistindo a outrem” são agora determinados a partir do poder-ser-o-Mesmo mais próprio de ambos (HEIDEGGER, 1993, p. 297s).

Só quando obediente à angústia estrutural do singular *poder-ser*, pode o *Dasein* resgatar sua propriedade compreensiva na lida com as coisas e com o outro, propriedade esta que nunca se dá por antecipação no lançamento (a propriedade estrutural é antecipada enquanto fenômeno; mas o *Dasein* enquanto um fenômeno de compreensão, tem que poder ser compreensivamente este seu fundamento). Como a estrutura do existir não permite qualquer conteúdo imutável ôntico posto por uma regra geral, como pretende a Metafísica, o *Dasein* é sempre o “fora” *no momento*, sempre o permanente não-subsistente *por-ser* nas necessidades da lida e na possibilidade de resgate do seu Ser próprio.

Conclusão

O que é logrado com a analítica do *Dasein* na primeira seção de *Ser e Tempo* (e ainda não na sua totalidade fenomenal) é o fenômeno *ser-no-mundo*. Tal analítica excluiu de si qualquer forma de dogmatismo, uma vez que, se a existência é uma ideia manifesta no *Dasein* fenomenalmente enquanto compreensão da sua facticidade, então isto comprova que o seu pressuposto não se constitui de nenhuma ideia dogmática imposta ao ente privilegiado. E ainda que o *Dasein* já recubra essa ideia sob a perspectiva da subsistência, do mesmo modo que recobre a utensilidade imediatamente apreendida do ente pela subsistência, o que Heidegger faz notar na primeira seção de *Ser e Tempo*, é que esta compreensão pré-ontológica da sua própria estrutura resiste sempre, e se manifesta enquanto tal enquanto angústia a despeito da tendência do *Dasein* de se ver e ver tudo sob o véu da da subsistência.

Heidegger compreende que a essência do *Dasein* é a sua existência e isto quer dizer: o *Dasein* é nessa constituição na condição de Ser a pura marcha para o seu próprio Ser – ou seja, ele é, permanente e estruturalmente, enquanto *poder-ser*, seu Ser ausente, seu Ser por ser: o *si-antecipado*. Este momento é a condição estrutural primária de possibilidade de todo e cada

Dasein, a qual já contém, necessariamente em si, uma determinação temporal: sempre sou, originariamente, somente a marcha contínua *para* o meu *poder-ser* enquanto compreensão, isto é, a marcha contínua da própria compreensão para ela mesma enquanto um fenômeno do Ser.

A partir desta primeira analítica também pudemos compreender que o *Dasein*, a cada vez meu, é concreto, isto é, ele é de fato e não meramente formal, exatamente porque se ele fosse este geral formal ôntico conceitual, ele não poderia ser estruturalmente livre porque não poderia ser a cada vez este “meu” (si)Mesmo. Concluímos também que o *Dasein* enquanto lançado é sempre já trazido essencialmente à compreensão de si mesmo a partir do Mundo e não a partir da compreensão dele mesmo enquanto o ente próprio e singular que ele é. Nestes termos, *sendo*, ele é o *poder-ser* que pertence a ele mesmo e enquanto ele mesmo não próprio, pois já sempre determinado, enquanto o *poder-ser* que ele é a cada vez, pelo imediato Mundo impessoal. Ele é estruturalmente a propriedade, a estrutura é sempre tal como ela é integralmente, mas na sua facticidade ela é própria ou impropria, sendo que, imediata e regularmente, o *Dasein* já é dado a si mesmo pela compreensão impropria do seu Ser apropriado pelo Mundo da lida. Ele já é dado a si mesmo, portanto, na condição da alienação da sua própria liberdade. Ele é o ente que, enquanto um fenômeno de compreensão, não é (fático) de partida seu fundamento, mas tem seu fundamento por ser, isto é, por compreender. Podemos perceber com isto, que tal alienação é, por conseguinte, sempre uma ocorrência fática e nunca estrutural, porque o *Dasein* pode sempre retornar compreensivamente, enquanto projeção (desde a sustentação na angústia), à sua estrutura, para o seu *ser-livre* para suas projeções existenciárias. Nestes termos o *Dasein* tem sempre, continuamente, o dever de se resgatar, ele nunca existindo vai partir do próprio, uma vez que o Mundo no qual ele emerge é um caráter constitutivo do seu próprio Ser. Como visto, o seu Ser próprio será sempre conquista, será sempre continuamente o resgate do seu *poder-ser* imerso no impessoal ou na impropria determinação do seu Ser sempre já tomado pelo ente. Isso porque o *Dasein* só é enquanto o ente que pode existir tão somente entregue a si enquanto o ente que ele é, existindo, o fundamento do seu *poder-ser*. Assim, o estrutural existencial da cura é assim como que “o outro” (primordial) do mesmo fenômeno; e só por isso pode o *Dasein* se resgatar, porque a estrutura existencial (sempre própria) não é idêntica à facticidade que pode ser própria ou impropria. Efetivamente, em termos de abertura, o fático é o fundamento, o começo, para o *poder-ser* dentro da impropriedade. “Tudo começa pelo futuro”, ensina Heidegger. Ou seja, tudo principia desde o *si-antecipado*, desde a projeção enquanto a condição de possibilidade, mas, faticamente, tudo começa pelo *sido*, ou seja, pelo lançamento. A estrutura da cura é reiteração (temporal) da compreensão, que é sempre fática; e para que a estrutura possa ser tal, a condição de possibilidade (o *Ser-projetivo*) já tem que ter sido dada. Portanto, o *Dasein* é tanto seu fundamento ontológico (*si-antecipado*) quanto seu fundamento ôntico – no estrutural existencial só há o próprio, primeiro porque aí há só a estrutura de possibilitação ela mesma, segundo porque o improprio só pode advir de um próprio (da estrutura de possibilitação pura e simples).

Referências

HEIDEGGER, M. Que é Metafísica? In: *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. 17. Aufl. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Gmbh e Co. 1993.

HEIDEGGER, M. *Sobre a Essência do Fundamento*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).

HEIDEGGER, M. *The Metaphysical Foundations of Logic*. Translated by Michael Heim. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1982.

Sobre a autora

Manuela Saadeh

Pós doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2022). Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015 a 2019). Mestre em Filosofia pela UFRJ (2014), com foco na filosofia de Martin Heidegger.

Recebido: 14/09/2023
Aprovado: 16/04/2024

Received: 14/09/2023
Approved: 16/04/2024